

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2019

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *Faz-me Ficar*

Autor: *Afonso Noite-Luar*

Copyright © Afonso Noite-Luar, 2019

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2019

Revisão: *Nuno Pereira/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Coleção: Romance Erótico

Este livro contém conteúdos para adultos.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens ou incidências são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ISBN: 978-989-8975-05-8

Depósito legal n.º 456 616/19

1.ª edição, Lisboa, junho, 2019

1

«E agora que já têm os vossos certificados, eu gostaria de terminar relembrando o que vos transmiti no início desta formação», disse, por fim, à vintena de formandos que tinha diante de mim. «Ao longo das últimas semanas dei-vos muitas ferramentas para serem verdadeiros **Afonsos** e conquistarem, estimarem e valorizarem a mulher que despertou o vosso interesse. Contudo, o facto de a quererem, e de a conseguirem conquistar, não significa que seja a pessoa certa para vocês ou que será a pessoa que vos fará felizes. Muito provavelmente será, mas não é regra. Isto porque as técnicas que vos dei implicam uma transformação comportamental. Implica colocarem uma máscara fictícia que, se não for absorvida e compreendida, mais tarde ou mais cedo, pode cair. Nesse momento, verão que não são essa pessoa que acreditam ser, nem a pessoa que está ao vosso lado é a que deve ser. Se, de facto, querem ter a certeza de que a mulher que conquistaram é a certa e que gosta de vocês tal como são, então terão, invariavelmente, de ser sempre fiéis a vocês. Sem máscaras, ou falas, ou comportamentos estudados. Se assim for, garanto-vos que essa relação dificilmente terminará. O que não vos garanto é quando ela irá começar. Tanto uma abordagem como outra têm um lado positivo e negativo, mas agora cabe-vos tomar a decisão de qual delas seguir. A minha parte está feita. Nunca se esqueçam: amar a alma e foder o corpo, porque qualquer coisa menos que tudo é nada.»

Introduzi uma pasta na mochila, fechei-a sobre a secretária e, no meio do burburinho da sala, ergueu-se uma voz.

«Professor?», chamou um formando do fundo da sala.

«Diga!», atirei, apontando com o queixo na direção dele.

«Nos dê um último conselho.»

Achei curioso, e até enternecedor, aquele pedido e, quando começava a acreditar que não me iria lembrar de nenhum conselho

relevante para poder fechar com chave de ouro aquela formação, ocorreu-me um que nunca era de mais lembrar.

«Nunca, nunca, mas mesmo nunca, antes, durante ou após o sexo, lhe perguntem se ela está a gostar. Não há forma mais simples e eficaz de estragar um bom momento de sexo do que essa.»

Pus a mochila ao ombro e abandonei a sala. Assim que cheguei à rua e vi o trânsito na Avenida Governador Agamenon Magalhães, uma das principais artérias da cidade do Recife, dei graças por não ter de usar carro. Tinha ficado hospedado num hotel do outro lado da avenida, por isso, em dez minutos estava no meu quarto. Enquanto esperava pelo semáforo, olhei para o telemóvel; marcava 29 °C e uma humidade acima de 70%. Por mais que já não fosse novidade, a cada dia que passava mais certas tinha de que aquele não era o meu *habitat* natural. Tomei banho, vesti uma camisa, desci novamente à rua e dirigi-me para um restaurante que ficava a uns cem metros do hotel para jantar. Sentei-me e saboreei muito calmamente aquela que seria a minha derradeira refeição em terras de Vera Cruz, pois no dia seguinte, bem cedo, tinha o voo para o Porto. Os cem metros de regresso ao hotel foram também percorridos muito lentamente para que, tal como a refeição, eu pudesse degustar ao máximo todas aquelas sensações. Podia não ser o local perfeito para mim, mas não deixava de ser um local onde eu tinha vivido muitas experiências que levaria para a vida.

Olhei uma última vez à minha volta e, antes de subir até ao meu quarto, peguei no telemóvel e enviei uma mensagem para o grupo do *WhatsApp* que tinha em comum com o Miguel e a Filipa:

«Onde jantamos amanhã?»

Começava assim mais uma aventura repleta de sexo, mistério e muitas reviravoltas e surpresas. Boas e más...

2

Era já noite quando cheguei ao Aeroporto Sá Carneiro, no Porto, e, mais do que fisicamente, vinha psicologicamente cansado pelo stresse que sempre me exigiam as viagens de avião, principalmente com escalas, como tinha sido aquela. No entanto, já tinha combinado com o Miguel e a Filipa jantar-mos no *Brasão*, nos Aliados, e não ia falhar, até porque era o próprio Miguel que me ia buscar ao aeroporto. E lá estava ele, de braços abertos, quando ainda faltavam uns dez metros para chegar junto dele, só para dar nas vistas e me envergonhar um bocadinho com o seu espalhafato propositado. Mas nada que me admirasse. Assim que me abeirei dele, deu-me um abraço apertado e ofereceu-se para me ajudar com as malas.

«Então? Muitas saudades?», perguntou com clara ironia.

«Sabes bem que não sinto isso, mas senti falta de algumas coisas, sim. Principalmente do meu melhor amigo...»

«Aaaaah! Eu sabia que não vivias sem mim!»

«... O *Dark*», atirei em tom de brincadeira.

Demos uma gargalhada e focamo-nos imediatamente em guardar as malas na bagageira do carro e iniciar viagem. Em 20 minutos chegámos aos Aliados e estacionámos numa rua paralela. Ao chegar ao *Brasão*, encontrámos a Filipa à nossa espera, na rua, com a habitual indumentária alternativa e a fumar um cigarro enquanto falava ao telemóvel. Assim que nos viu, despediu-se da pessoa com quem falava, apagou o cigarro e acelerou o passo até mim, dando-me, também ela, um abraço apertado. Não que eu fosse uma pessoa de afetos, mas se, de facto, eu sentia que pertencia àquele local era precisamente porque tinha abraços assim à minha espera.

«Estás bem mais moreno, **Afonso!**», constatou a Filipa, e eu revirei os olhos perante a previsibilidade daquela observação. «Fica-te bem esse tom de pele. Dá-te um aspeto mais saudável. Pode ser que agora te habitues a viver durante o dia.»

«Pois, mas se me vires durante o dia, provavelmente é sinónimo de que eu ainda não dormi. Por isso, duvido que o meu aspeto pareça muito saudável. A noite assenta-me bem.»

Desta vez, foi a Filipa a revirar os olhos. Logo de seguida fez sinal para que a acompanhássemos até ao interior do restaurante.

Falávamos regularmente durante o período em que estive fora, mas era quase sempre por iniciativa deles. Não faz parte do meu perfil procurar seja quem for, mesmo que sejam amigos, mas eles já sabiam e também me perdoavam por isso. Tinha consciência de que não devia ser assim, pois até as relações de amizade precisavam de ser alimentadas, mas a verdade é que se não fossem eles a entrar em contacto, muito raramente teríamos falado nos quase sete meses que estive do outro lado do oceano. Das poucas vezes que falei por iniciativa própria para a Filipa foi para lhe perguntar pela Inês, e mesmo assim tive de vencer uma inércia gigantesca que era imposta pelo meu orgulho. Contudo, havia já muito tempo que não tocava nesse assunto, precisamente porque também não me queria lembrar. Mas os minutos desde o instante da aterragem tinham criado na minha cabeça uma ponte até ao momento das últimas referências que tinha da cidade. E, como não podia deixar de ser, o nome da Inês estava invariavelmente gravado naquelas imagens. A Filipa tinha-me dito, uns dois meses antes, que a Inês mudara de emprego e que fora viver para Vila Nova de Gaia, de modo a ficar mais próxima dele. Desde então, não tive mais notícias dela.

«Vá! Conta-nos tudo sobre essa aventura», pediu a Filipa, assim que nos sentámos e fizemos os respetivos pedidos.

«Valeu pela experiência», comecei por dizer. «Gostei, mas não trocava Portugal pelo Brasil.»

«Nem pelas mulheres?», perguntou o Miguel, intrigado.

«Nem pelas mulheres. Sou fã das portuguesas.»

«E como é que elas são na cama? Ouvi dizer...»

«Ei! Ei! Ei!», interrompeu imediatamente a Filipa. «Eu ainda estou aqui, Miguel, não vamos perder o foco da conversa.»

«Depois conta-me tudo», sussurrou-me o Miguel, piscando-me o olho com um sorriso e batendo-me levemente no braço.

«Bom, resumindo, fui lá fazer o que fazia aqui, mas num modelo diferente. Enquanto aqui faço acompanhamento personalizado, lá foi em formato de palestras e para turmas de cerca de 20 aspirantes a **Afonso**. Não gosto tanto, porque não é um trabalho tão eficaz e acaba por ser muito teórico. Quanto ao que aconteceu fora da sala... limitei-me a ser fiel a mim mesmo, com as devidas adaptações», concluí com um sorriso atrevido.

Não demorou muito até os nossos pratos serem servidos e, nos minutos que se seguiram, fui partilhando alguns episódios caricatos que se passaram comigo, perante o olhar atento e curioso dos dois. Quando disse tudo o que de mais relevante tinha para contar sobre aqueles últimos meses e lhes passei a palavra, o Miguel não demorou a tocar num assunto que parecia tabu:

«É verdade... A Inês sabe que já vieste?»

Ficámos subitamente todos em silêncio e o Miguel cerrou os dentes, como se tivesse acabado de meter o pé na argola.

«Eu não lhe disse nada», respondi.

Olhámos depois ao mesmo tempo para a Filipa.

«Eu também não comentei nada com ela...»

Não sabia se gostava ou não daquilo que acabara de ouvir. Por um lado, o facto de a Inês não saber que eu tinha voltado permitia-me estar numa certa zona de conforto. Isto porque eu sabia de um pormenor que ela, e, à partida, mais ninguém, além da Filipa e do Miguel, sabia. O que era bom para toda a gente, pois era como se tudo ficasse na mesma, e a Inês continuaria a sua vida normalmente e eu a minha. Por outro lado, se ela soubesse que eu já tinha voltado, inevitavelmente iria pensar mais em mim. E por mais que eu soubesse que isso era mau para ela, o meu ego gostava dessa ideia. Podia até não me ver durante anos, mas o facto de saber que estávamos a dez quilómetros de distância, e não a 8 mil, teria uma influência muito grande. No entanto, a minha parte estava feita, apesar de nem tudo ter corrido como planeado, e não queria estragar isso.

«Mas tens falado com ela?», insistiu o Miguel.

«Desde que ela se mudou para Gaia, é claro que falo menos com ela, mas vamos falando e de vez em quando estamos juntas.»

Assim que a Filipa terminou de falar desviou logo o olhar para a francesinha que tinha no prato, deixando claro que não tinha intenções de continuar com aquela conversa. De certa forma, eu também não, pelo menos na presença do Miguel. Não que lhe estivéssemos a esconder alguma coisa, mas como ele não sabia a história completa, mais valia não explorar aquele assunto. Contudo, não pude deixar de ficar intrigado com a reação da Filipa.

«Planos para o *after party*?», perguntou o Miguel, assim que se apercebeu que tínhamos todos terminado.

«Não, nem pensar», desmarquei-me logo. «Passamos em tua casa para pegar o *Dark* e levas-me a casa. Preciso de descansar.»

«Tens razão. Sendo assim, fica para depois. Vamos embora.»

Quando chegámos à rua, a Filipa dirigiu-se ao Miguel:

«Vai na frente, o **Afonso** já vai ter contigo.»

«Oh! Muito falam vocês os dois sem mim. Qualquer dia, ainda vos encontro na mesma cama», disse em tom jocoso.

«Não sejas parvo!», atirou a Filipa, batendo-lhe no braço. «Quando tiver tempo, falo contigo, mas agora é só com ele.»

Conformado, o Miguel meteu as mãos nos bolsos do casaco, deu meia-volta e adiantou-se pelo passeio adiante. Já eu esperei, expectante, que a Filipa acendesse um outro cigarro e começasse a falar. Não era difícil perceber qual seria o tema.

«Estás a pensar dizer-lhe alguma coisa?», interrogou a Filipa, assim que atirou a primeira lufada de fumo para o ar.

«Mesmo que quisesse, não podia...»

«Porque é que não queres e porque não podes?»

«Quando tivemos aquela última conversa em tua casa, ela usou uma palavra mágica que, no glossário do meu universo, significa que estou impedido de a voltar a procurar até que seja ela a procurar-me ou que, por algum acaso do destino, nos cruzemos.»

A Filipa lançou-me um olhar de frete antes de comentar:

«Sabes que essa ideia de teres um universo só teu com não sei quantos mandamentos, leis e palavras mágicas é muito egocêntrica e masoquista, certo? Até porque, aparentemente, tu crias leis contra ti mesmo. Isso não faz muito sentido, **Afonso**.»

«Não te vou explicar agora o porquê das coisas, senão estaríamos aqui a noite inteira. Respondendo à outra parte da tua pergunta, não quero porque tudo tem um tempo e altura ótimos para acontecer. Depois, há um perímetro de segurança que, naturalmente, não é igual para todos, mas que, em função das pretensões de cada um, não convém ultrapassar, sob o risco de se estragar tudo. Além de que há coisas que é melhor não se saberem.»

«Tipo, o quê?»

«Não vou desenvolver. Mas tu vais desenvolver o porquê de me teres feito essa pergunta. Tens medo que a procure, é?»

«Não propriamente.» Levou o cigarro à boca. «Até porque não sei se isso seria bom ou mau...»

O olhar ausente da Filipa denunciava um dilema interior entre dizer o que lhe ia na cabeça, e correr o risco de falar de mais, ou não dizer e continuar com aquela informação presa na garganta. E uma vez que tinha de o dizer a mim, só os meus ouvidos lhe podiam desatar aquele nó. Talvez precisasse apenas de um empurrão.

«Diz logo o que me queres dizer! Foi por isso que pediste ao Miguel para ir na frente. Então, diz de uma vez!»

«Mudei de ideias, entretanto. É melhor esquecer o assunto.»

Naquele momento, percebi que ela estava apenas a apalpar o terreno com aquela pergunta inicial. Mas depois da minha resposta, recuou nas suas intenções. Afinal, fui eu que falei de mais. Se lhe tivesse dito algo mais vago, ela teria avançado com a revelação. *Sabes que foi um erro de amator, menino Afonso! Agora não vais ficar na ignorância, aberta com ela!*

«Começaste, agora acaba», insisti, mas a Filipa pareceu ignorar-me. *Aberta com ela!* Assim que se preparava para levar de novo o cigarro à boca, agarrei-lhe no braço e fui mais claro: «Diz de uma vez o que me tens a dizer sobre a Inês!»

«Para quem não se importa, estás muito preocupado.»

«Curioso!», reagi, em jeito de correção, levantando o sobrolho. A Filipa puxou o braço, fazendo-se soltar, e suspirou.

«A Inês tem estado estranha desde que saiu de casa.»

«E isso não tem que ver com o que se passou?»

«Não diretamente...»

«Mas achas que é por minha causa?»

«Não propriamente...»

«Então, o que tenho eu que ver com isso?»

«Vês, **Afonso**? Vês porque não te digo nada e faço bem?»

A Filipa começou a apagar o cigarro e dava sinais de que ia embora antes do previsto. *Ai! Ai! **Afonso**! Tu já devias saber o que acontece quando me deixas controlar a tua boca.*

«Tem calma! Diz lá o que posso fazer.»

«Não vale a pena. Até porque, mesmo que quisesses, não podias, não é mesmo?», disse-me com ironia, antes de me dar um beijo no rosto. «Gostei de te ver. É bom ter-te de volta.»

Lançou-me um sorriso e foi embora. Fiquei ali parado, a vê-la a afastar-se e a pensar no que tinha ficado por dizer, e já sabia que, enquanto não descobrisse, não ia descansar. Era agonizante saber que tinha de esperar indefinidamente por uma resposta, mas também não me deixei preocupar muito. Lembrei-me de que o Miguel estava no carro à minha espera e apressei-me.

Seguimos viagem até à casa dele e eu estava cada vez mais ansioso e curioso para saber qual a reação do *Dark* ao ver-me, passados tantos meses. Quando chegámos ao destino, o Miguel tomou naturalmente as rédeas do percurso e guiou-me para o interior da casa dele. Fez um compasso de espera antes de abrir a porta que dava acesso ao terraço onde estava o *Dark*, e eu agachei-me, preparado para o abraçar. Assim que abriu a porta e o *Dark* me viu foi como se uma avalanche de pelo e baba corresse na minha direção e me atirasse para trás. A excitação do animal era tanta que parecia querer devorar-me. Também eu estava muito contente por reencontrá-lo, mas sabia, ao mesmo tempo, que o Miguel tinha criado laços de afeto com o agora nosso amigo, e custava-me perceber que ia quebrar aquela ligação diária. No entanto, não era nada que já não estivesse previsto, e era assim que tinha de ser. Aceitei o saco cheio de ração que o Miguel me entregou, pois sabia que não tinha nada em casa para ele comer, pelo menos até ao dia seguinte, e entrámos para o carro. Quando cheguei a casa, foi a vez de deixar

o Miguel despedir-se do *Dark*. Naquele momento, percebi o quão ingrata era aquela posição. Era como se, de repente, chegassem os pais biológicos a casa dos pais adotivos e lhes levassem o filho já grande, depois de eles o terem criado durante uma vida. Mas lembrei-me de que ele tinha vivido dois anos comigo e quase sete meses com o Miguel, pelo que, teoricamente, ainda era mais meu do que dele. Apesar de ser um pensamento acriançado, ajudou-me a atenuar aquele desconforto.

Assim que abri a porta do quinto esquerdo, a primeira sensação foi de estranheza, por ser tão estranho entrar na minha própria casa. Já o *Dark* parecia não estranhar nada e entrou como se tivesse apenas passado um fim de semana fora. Entrei, sem acender qualquer luz, pousei as malas, corri um dos estores até cima e sentei-me no sofá, em silêncio. O luar entrava pela casa e chegava-me até aos joelhos. Sob as minhas pernas tinha-se deitado o *Dark*, enrolado nele próprio, e o luar, ao embater no seu pelo branco, fazia-o reluzir no escuro. Estiquei a mão para sentir aquela luz na minha pele e isso deu-me um conforto invulgar. Deixei-me estar alguns minutos naquele ambiente lúgubre e quieto, a refletir nos tempos que me esperavam, e nenhuma das sensações que me visitaram o corpo era claramente positiva. Decidi acreditar que talvez fosse do cansaço da viagem e que no dia seguinte, quando acordasse, tudo iria parecer melhor. Passei uma última vez a mão no pelo do *Dark* e fui tomar um banho demorado.

Quando terminei e me coloquei diante do espelho, a observar o meu corpo, passei o dedo pela cicatriz, como habitualmente fazia, e não notei sensibilidade. Lembrei-me, então, que durante todo o meu período no Brasil, além de não ter notado sensibilidade, a voz na minha cabeça tinha dado algumas tréguas. Aparecia sempre, claro, mas nunca de forma descontrolada. Talvez aquela viagem fosse um ponto de viragem. Este pensamento despertou um leve sorriso e serviu de contrapeso às sensações menos boas que tinha tido minutos antes no sofá. Mas já era hora de dormir.

A manhã do dia seguinte foi dedicada a pôr a casa novamente em velocidade de cruzeiro, depois de mais de meio ano parada.

Aproveitei para ir fazer umas compras para repor os *stocks* e não previa sair mais nesse dia. Só no dia seguinte é que me iria preocupar com o trabalho, mas seria apenas um dia de manutenção no escritório. Aliás, antigo escritório. Uns meses antes, tinham-me contactado porque havia um pretendente para o meu escritório, já que aquele espaço estava inutilizado, apesar de eu pagar o arrendamento. Sugeriram-me uma mudança para outro edifício e eu, no fundo, até gostei da ideia, porque já estava na hora de o fazer. Não só por ser um procedimento normal no meu percurso, mas também devido aos acontecimentos dos meus últimos tempos em Portugal, antes da minha partida. No entanto, apesar de não pretender sair mais de casa nesse dia, os meus planos foram alterados depois de uma chamada da Filipa.

«Conta-me coisas», disse assim que atendi o telemóvel.

«Ontem estive a pensar e percebi que não vale a pena adiar esta conversa mais tempo. Podemos encontrar-nos logo?»

«Sim, claro... Onde?»

«Já te mando a morada e hora por mensagem.»

Um minuto depois, tinha uma SMS dela. Marcou para as 17h00, no que, pelo nome, aparentava ser um café que ficava em Vila Nova de Gaia. Não era um local e uma hora propriamente comuns, o que me deixou intrigado, mas ia fazer o que me tinha pedido. À hora marcada estava diante do café. Entrei e, quando foquei o meu olhar na mesa do canto, ela olhou para mim. Contudo, não era a Filipa que estava à minha espera... era a Inês.